



**ANTES  
DO  
AZUL**

Ministério da Cidadania e Instituto Ling apresentam

# ANTES DO AZUL

Artista

**ROMY PO CZTARUK**

Curadoria

**GABRIELA MOTTA**

12 novembro 2019  
a 21 março 2020  
Galeria Instituto Ling  
Porto Alegre, RS- Brasil



## AR DO TEMPO

Como imaginar o futuro para além dos avanços tecnológicos? Viagens interplanetárias, chips cerebrais, alimentos sintéticos, robôs celulares, teletransporte – sabemos que nada disso é inalcançável do ponto de vista científico. Mas alcançável para quê? Para quem? Quem sobreviverá à destruição contínua à qual a Terra é submetida?

Em um ambiente que nos transporta para uma sala de cinema, Romy Pocztaruk nos apresenta seu novo filme, “Antes do Azul”. Durante pouco mais de dez minutos, seremos submetidos a uma sequência de cenas sutilmente narrativas e radicalmente sensoriais, um jorro de imagens-pensamento sobre a existência e a violência, sobre a passagem do tempo, sobre tecnologias de morte, sobre a potência de corpos animais e minerais, sobre a arte como possível rastro a ser deixado pela humanidade quando ela mesma não resistir à sua onipotência.

Logo no início, o estranhamento que iremos experimentar já se anuncia na presença de um elemento incomum, uma luva com unhas vermelhas. A mão que veste essa luva busca por cristais reunidos em uma pequena mesa.

## SPIRIT OF THE TIMES

How can we envision the future beyond the technological advances? Interplanetary spaceflights, brain chips, synthetic foods, cellular robots, teleportation – we know these things aren’t unachievable from a scientific point of view. But for what purpose are they achievable? For whom? Who will survive the continuous destruction that Earth is enduring?

In a place that evokes a movie theater, Romy Pocztaruk presents her new film, “Before the Blue”. For a little more than ten minutes, we’re subjected to a sequence of subtly narrative and radically sensorial scenes, a stream of images/thoughts about existence and violence, the passage of time, death technologies, the power of animal and mineral bodies, and art as a possible trace left by humanity when it ceases to exist after surrendering to its own omnipotence.

Right at the beginning, the strange experience we’re about to under go announces itself with an unusual element: a glove with red nails. The hand that wears the glove searches for crystals on a small table.

São substâncias minerais e seu mistério que a também misteriosa mão tateia. Uma mulher negra, vivida pela atriz e cantora Valéria (ex-Valéria Huston), ocupa o centro energético do curta. Agora, é ela mesma quem recolhe fragmentos rochosos e os deposita dentro de sua roupa, como se buscando uma fusão entre seus corpos, cindidos há muito tempo. Já nessa cena, nosso olhar não enxerga somente união, mas conflito, impasse áspero, desejo, sentimentos que perpassam todas as imagens.

A partir dos gestos dessa personagem, de suas expressões, seus movimentos, sua voz, seus olhares e os olhares a ela dirigidos, o filme se estrutura, construindo um ambiente em que passado, presente e futuro se confundem. Uma boate do século XXI, a guerra nuclear e a era das cavernas. Tudo ao mesmo tempo agora. Cronologias estilhaçadas entre movimentos de dança, fotos estáticas da ciência sedenta de poder, e uma volta à natureza, uma fuga da ideia de ser humano. A cobra morde o próprio rabo.

Em algum momento, de fato, a frase “o fim dos tempos começou com o fim do tempo” ecoa dessas imagens na voz avassaladora de Valéria. Mas, ao contrário do que pode parecer, a sentença reverbera como um estampido de possibilidades – como se, afinal, fora do tempo da história, que tudo organiza em sua sequência linear, pudéssemos finalmente vivenciar um outro tempo, aquele que não diferencia em essência os corpos uns dos outros, sejam eles minerais, animais, vegetais, espirituais.

It's the mineral substances and their mystery that the equally mysterious hand touches. A black woman, played by actress and singer Valéria (formerly Valéria Hudson), occupies the energetic center of the short film. Now, she is the one collecting the rocky fragments and putting them inside her clothes, as if she wanted to merge their long-divided bodies together. This scene shows not only unity, but conflict, desire, a bitter dead end– feelings that pervade all the images.

From the character's gestures, expressions, movements and glances (given and received), the film develops, creating a place that merges past, present and future. A 21st century nightclub, the nuclear war and the Stone Age. Everything at once. Shattered chronologies among dance movements, static images of the power-thirsty science, and a reunion with nature, an escape from the idea of being human. The snake bites its own tail.

At a certain point, the sentence “the end of our times started with the end of time” echoes from those images through Valéria's voice. However, contrary to what it may seem, it reverberates as a burst of possibilities – as if, beyond the time of History, which organizes everything in a linear sequence, we could finally experience another time, which doesn't distinguish the essence of each body – mineral, animal, vegetal or spiritual.

Um tempo simultaneamente anterior e posterior ao que vivenciamos hoje. Um tempo caro ao universo simbólico como um todo, da mitologia indígena à arte; o tempo que pode efetivamente nos salvar da *queda do céu*<sup>1</sup>, do esmagamento definitivo das nossas multiplicidades identitárias, existenciais. Porém, essa espécie de redenção através de um tempo pré ou pós histórico é ambígua, permeada por imagens melancólicas, entre registros da nossa engenhosidade destrutiva e memórias ou desejos de vivências compartilhadas.

A sequência da boate encarna bem a ambivalência sensorial do filme. Sentada em um balcão de bar (cuja vitrine exhibe louças mais ou menos antigas, compondo um ambiente que poderíamos chamar de retrô-futurista), a personagem vivida por Valéria veste uma roupa reflexiva e joias geométricas, possivelmente sinais de um futuro imaginado no passado. O círculo, a linha, o triângulo do seu visual são ornamentos simbólicos capazes de acolher todos os outros; ela é efetivamente o ponto de convergência dos corpos que ali gravitam. Na dança cadenciada entre mulheres, a imagem acompanha seus movimentos quase em câmera lenta, ajudando a imprimir em nós sua atmosfera catártica.

O clima distópico do curta, alcançado, em parte, por cenas como essa da atriz em movimento, vivenciando situações coletivas, e ela só, diante de lugares e objetos obsoletos, por vezes rastros de um futuro utópico não concretizado, parece informado pela urgência do nosso próprio tempo.

A time that simultaneously precedes and follows what we experience today. A time that is cherished by the symbolic realm, from indigenous mythology to art; a time that can effectively save us from the *falling sky*<sup>1</sup>, the ultimate crushing of our existential and identity multiplicities. However, this sort of redemption through a pre- and post-historic time is ambiguous, permeated by melancholic images, from records of our destructive ingenuity to memories of our longing for shared experiences.

The nightclub scene is very representative of the film's sensory ambivalence. Sitting at the bar counter (which showcases old and new tableware, creating what we could call a retro-futuristic environment), the character played by Valéria wears a reflective outfit with geometric jewelry – possibly representing the future as envisioned from the past. The circle, the line, the triangle of her look are symbolic ornaments that embrace all the others; she effectively serves as a convergence point for the surrounding bodies. While the women dance, the image follows their movements almost in slow motion, intensifying our assimilation of the cathartic atmosphere.

The dystopian quality of the film – composed of scenes where the actress is moving, experiencing collective situations, and where the actress is alone, facing obsolete places and objects, sometimes traces of a utopic future never achieved – seems informed by the urgency of our own time.

É como se a personagem vivida por Valéria encarnasse o único ser da espécie humana que viu, vivenciou e, sobretudo, sobreviveu à própria humanidade e à cólera da sua extinção. Ela mesma, a atriz, uma pessoa cujo fenótipo e identidade de gênero a levam a enfrentar constantemente o preconceito, a discriminação e a violência de uma sociedade que quer negar a existência do que não é espelho.

E é nesse tipo de fusão entre o universo profundamente ficcional do curta e o abismo político, ético, humanista cada vez mais desmedido em curso no Brasil (e, porque não, no mundo) que o filme reivindica sua existência poética; a ampliação de um pensamento construído através de subjetividades e em sua defesa, a favor de todos que acreditam e reconhecem o corpo coletivo que nos constitui de singularidades absolutamente interdependentes e conectadas. Ele mesmo, o filme, um corpo coletivo na medida em que se faz através da colaboração entre diversos artistas.

A ficção científica, seja no cinema, na literatura, na arte em geral, sempre ousou especular sobre as consequências da tecnologia e de quem detém o poder sobre ela, figurando como metáfora ou alegoria de diferentes contextos políticos. De um lado, o controle absoluto do Estado, como em vários contos de Philip Dick (e mesmo no clássico "Blade Runner", filme dirigido por Ridley Scott, inspirado em sua literatura), dá conta de uma realidade subjetivamente empobrecida, incapaz de lidar com a diversidade. Ambientes

The character played by Valéria seems to represent the only human being who has seen, lived and, above all, survived humanity itself and the anger of its extinction. The actress is an individual whose phenotype and gender identity are constant targets of prejudice, discrimination and violence in a society that wants to eliminate anything that isn't a mirror.

It is through the combination of the film's deeply fictional universe and the increasingly widening political, ethical and humanist gap going on in Brazil (and the whole world) that the film claims its poetic existence; the expansion of a mindset that is built on and for subjectivities, in favor of everyone who acknowledges and believes in the collective body that makes up our absolutely interdependent and interconnected singularities. The film itself is a collective body as it's the result of a collaborative effort between many artists.

Science fiction, whether in cinema, literature or art in general, has always dared to speculate about the consequences of technology and the people who wield power over it, like a metaphor or allegory for different political contexts. On one hand, the absolute state control, depicted in many short stories by Philip Dick (and even in the classic 1982 movie "Blade Runner", directed by Ridley Scott and inspired by Dick's literature), involves a reality that is depleted of

já devastados e quase sem vida, abandonados à própria sorte em uma natureza exaurida, compõem o cenário de destruição nesse tipo de perspectiva. De fato, a ética na manipulação da tecnologia como um dado crucial para a continuidade ou falência dessa mesma humanidade, é parte da matéria que anima, dá vida, também a filmes como "2001, Uma Odisseia no Espaço", de Stanley Kubrick, e "La Jetée", de Chris Marker, construído em sua totalidade por uma sequência de imagens fotográficas – ambas as películas, como Romy em "Antes do Azul", impactadas pelas tecnologias de comunicação, de guerra, de domínio territorial e espacial<sup>2</sup>.

Mas há também as instalações videográficas misteriosas de Bill Viola, marcadas por um entendimento complexo do tempo, ou o cinema de David Lynch, cujas narrativas, muitas vezes permeadas por uma fusão – ou confusão – de temporalidades, como "Twin Peaks" e "Mulholland Drive", se abstêm de um sentido de positividade ou negatividade. Ou seja, provocam sentimentos contraditórios no espectador, perturbadores ao extremo em sua proximidade com a experiência onírica da existência em sua intimidade.

Nesse sentido, "Antes do Azul", consegue fundir perspectivas nem sempre consoantes no que tange à percepção da tecnologia e sua repercussão na vida humana em relação ao contexto político, social e estético do seu (nosso) tempo extradiagético. Quer dizer, à normatização dos modos de existir, se contrapõe não a submissão coagida, mas a invenção e o prazer de

subjectivity and incapable of handling diversity. Ravaged places with barely any life, left at the mercy of fate in a nature-depleted environment, constitute the context of destruction from such a perspective. Indeed, the ethics of technology manipulation as an essential factor for the continuation or collapse of humankind is a subject matter that inspired movies like Stanley Kubrick's "2001: A Space Odyssey" and Chris Marker's "La Jetée", which is composed of a photographic sequence – both movies, like Romy's "Before the Blue", are affected by technologies created for communication, warfare, and territorial and space control<sup>2</sup>.

But there are also Bill Viola's mysterious videographic installations, marked by a complex understanding of time, and David Lynch's movies, where the narratives are often permeated by a combination (or confusion) between different times – like "Twin Peaks" and "Mulholland Drive" – and abstain from a sense of positivity or negativity. They evoke contradictory feelings in the viewer which are extremely disturbing in their similarity to the dreamlike experience of existence in the private realm.

In this sense, "Before the Blue" manages to merge perspectives based on different understandings of technology and its impact on human life and the political, social and aesthetic context of its (our) extradiagetic time. In contrast to the standardization of our lifestyles, we have not coerced submission, but invention and pleasure in exploring

explorar outras potências: corpo, pele, pedras, territórios, tudo contém em si a energia de ser vivenciado de outras formas. A distopia sugerida inicialmente pelo clima de extrema opressão, desespero e melancolia de algumas cenas está acompanhada de um desprezo dirigido a toda forma de domínio tecnológico, simbólico, social.

As imagens se sucedem, corpos em movimento, sons, rastros de outras temporalidades, revistas anunciando a era espacial ao lado de máquinas defasadas, mãos apontando para o futuro que já passou. Uma imagem de bomba atômica leva-nos tanto para cenários de destruição como para experiências da Land Art. Nossos olhos afundam nas imagens movediças, extraviados pelas dificuldades de organizar um pensamento objetivo sobre as fissuras convulsas que aproximam as pulsões de vida e morte na contemporaneidade.

Diante de tudo isso, Valéria substancializa a existência afirmando sua condição de berro, vida pulsante. Uma caverna é sempre refúgio isolado e o universo inteiro de possibilidades.

different possibilities: body, skin, rocks, territories, everything contains the possibility of being experienced in different ways. The dystopia initially suggested by the extremely oppressive, desperate and melancholic atmosphere of certain scenes is associated to a certain contempt for any form of technological, symbolic or social domination.

The images follow one another –moving bodies, sounds, traces from other times, magazines announcing the Space Age next to obsolete machines, hands pointing to an already-passed future. The image of an atomic bomb evokes both destructive scenarios and Land Art experiences. Our eyes dive deep in those unstable images and get lost as they struggle to organize an objective thought about the convulsive ruptures that approximate our time's pulses of life and death.

In such a context, Valéria embodies existence by asserting her position as a roar, a pulsating life force. A cave is always an isolated shelter, and a whole universe of possibilities.

---

<sup>1</sup> *A Queda do Céu*, livro escrito pelo xamã yanomami Davi Kopenawa em parceria com o antropólogo Bruce Albers, faz referência à concepção indígena de que o céu está na iminência de romper-se, marcando o fim de um tempo e de todas as formas de vida conhecidas em função da fadiga insuportável imposta ao ecossistema da Terra. Aqui neste texto, “a queda do céu” é também uma referência ao livro de Ailton Krenak, *Ideias Para Adiar o Fim do Mundo*, no qual o autor, além de comentar a importância da obra de Kopenawa, apresenta uma série de reflexões absolutamente contundentes sobre a concepção de humanidade como principal premissa para o desastre ambiental de nossa era, o Antropoceno. Na obra, ao final de uma das seções do livro, ele afirma: “cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo mas o existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades – as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que formos capazes de inventar, não botar ela no mercado. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência. Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar este espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos.” P.32,33

<sup>2</sup> O mesmo poderia ser apontado em outros trabalhos da artista, como nas séries fotográficas “A última aventura” (2011) e “Bombrasil” (2017), respectivamente sobre os fracassos econômicos, humanitários e ecológicos da Transamazônica e da usina nuclear de Angra 1, dois dos grandes projetos de poder da ditadura de 1964.

<sup>1</sup> *The Falling Sky* is a book written by the Yanomami shaman Davi Kopenawa in partnership with anthropologist Bruce Albers. It approaches the indigenous notion that the sky is about to break apart, marking the end of a time and of all known forms of life due to the unbearable fatigue imposed on Earth's ecosystem. In this text, “the falling sky” is also a reference to Ailton Krenak's book *Ideias Para Adiar o Fim do Mundo* (literally, “ideas to postpone the end of the world”) where the author, besides commenting on the importance of Kopenawa's work, presents a series of emphatic considerations on how the idea of humankind is the main cause for the environmental disaster of our time, the Anthropocene. At the end of one of the book's sections, he asserts: “singing, dancing and living the magical experience of suspending the sky is common in many traditions. Suspending the sky is expanding our horizon: not the prospective horizon, but the existential one. It means enriching our subjectivities, which are the consumption material of our time. While there is a craving to consume nature, there is also a craving to consume subjectivities – our subjectivities. So let us experience them with the freedom we are capable of inventing instead of putting them on the market. Since nature is being assaulted in such an indefensible way, let us at least be capable of keeping our subjectivities, our visions, our poetics about existence. We are definitely not alike, and it is wonderful to know that each of us is different from the other, like constellations. The fact that we can share this space, that we are together traveling, does not mean we are alike; it actually means that we are able to attract each other through our differences, which should guide our life journey. Diversity instead of one humankind with the same protocol. Because this has only been a way to homogenize and take away our joy of being alive.” (P. 32, 33 of the original – freely translated for this catalogue.)

<sup>2</sup> The same could be said about other works by Romy Pocztaruk, like the photographic series “A última aventura” (2011) and “Bombrasil” (2017) –respectively, about the Trans-Amazonian Highway's and the Angra 1 nuclear plant's economic, humanitarian and ecological disasters, two major power-thirsty projects from Brazil's military dictatorship period.

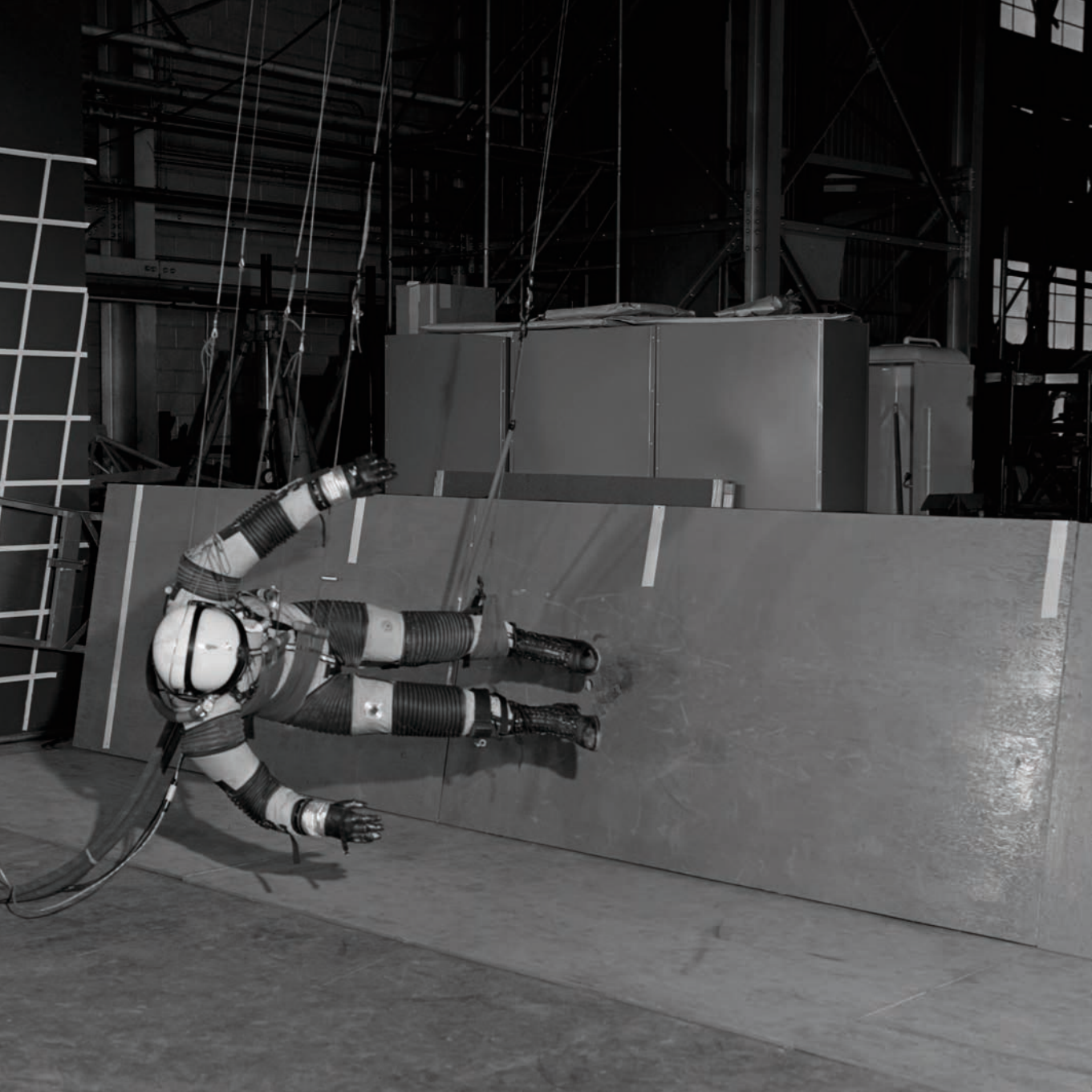


















# ANTES DO AZUL

BEFORE  
THE  
BLUE

2019, 13 min  
4k, HD, color, sound

Direção  
[Directed by]  
**ROMY POCZTARUK**

Estrelando  
[Staring]  
**VALÉRIA HOUSTON**

Texto  
[Written by]  
**DANIEL GALERA**

Direção de Produção  
[Produced by]  
**LARISSA ELY**

Assistente de Produção  
[Production Assistant]  
**PAULA RAMOS**

Direção de Fotografia  
[Cinematography by]  
**LÍVIA PASQUAL**

Trilha Sonora  
[Music by]  
**DESENHO DE SOM  
CAIO AMON**

Interpretação gráfica  
[Graphic Interpretation]  
**MATHEUS HEINZ**

Figurino  
[Costume Design by]  
**LARISSA ELY  
ROMY POCZTARUK**

Cenografia  
[Set Decoration by]  
**LIVIA PASQUAL  
ROMY POCZTARUK**

Cabelo e Maquiagem  
[Make up Department]  
**JULIANE SENNA**

Diretor de Elenco  
[Casting by]  
**JOÃO MADUREIRA**

Motorista  
[Transportation by]  
**CÁSSIO BULGARI**

Montagem  
[Film Editing by]  
**LEONARDO MICHELON**

Câmera  
[Camera]  
**DEIVIS HORBACH**

Elétrica  
[Electrical]  
**DANIEL TAVARES**

Finalização e Cor  
[Editorial and Colorist]  
**RAFAEL DUARTE**

## ROMY POCZTARUK

(1983, Porto Alegre, Brasil)

Em diversos suportes, Romy Pocztaruk lida com simulações, refletindo sobre a posição a partir da qual a artista interage com diferentes lugares e com as relações entre os múltiplos campos e disciplinas da arte. Diversas vezes premiado, o trabalho da artista está presente em coleções como as da Pinacoteca do Estado de São Paulo e do Museu de Arte do Rio. Ela participou da 31ª Bienal de São Paulo com a série “A Última Aventura”, em que investiga vestígios materiais e simbólicos remanescentes da construção da rodovia Transamazônica, um projeto faraônico, utópico e ufanista relegado ao abandono e ao esquecimento.

Suas principais exposições individuais foram “Geologia Euclidiana”, Centro de Fotografia de Montevideo (Uruguai, 2016), e “Feira de ciências”, Centro Cultural São Paulo (2015). Entre as principais exposições coletivas, estão “Convite à viagem: Rumos Itaú Cultural”, Itaú Cultural (São Paulo, 2012); Region 0. The Latino Video Art Festival of New York (Nova York, 2013); a 9ª Bienal do Mercosul (Porto Alegre, 2013); a 31ª Bienal de São Paulo (2014); “BRICS”, Oi Futuro (Rio de Janeiro, 2014); “POROROCA”, Museu de Arte do Rio de Janeiro (2014); “Uma coleção Particular: Arte contemporânea no acervo da Pinacoteca”, Pinacoteca do Estado de São Paulo (2015); “Télon de Fondo”, Backroom Caracas (Venezuela, 2015).

Through many different media, Romy Pocztaruk works with simulation, pondering on how the artist interacts with different places as well as with the relations between the many art fields and subjects. The artist’s award-winning work is in museum collections such as the Pinacoteca do Estado de São Paulo and the Museu de Arte do Rio (MAR). She participated in the 31st Bienal de São Paulo with the “A Última Aventura” series, which investigates material and symbolic remnants of the construction of the Trans-Amazonian Highway, a mammoth project filled with utopian and patriotic aspirations that was abandoned and relegated to oblivion.

Her main solo exhibitions were “Geologia Euclidiana”, at the Centro de Fotografia de Montevideo (Uruguay, 2016) and “Feira de ciências”, at the Centro Cultural São Paulo (2015). Her main group exhibitions include “Convite à viagem: Rumos Itaú Cultural”, at Itaú Cultural (São Paulo, 2012); Region 0. The Latino Video Art Festival of New York (New York, 2013); 9th Mercosur Biennial (Porto Alegre, 2013); the 31st Bienal de São Paulo (São Paulo, 2014); “BRICS”, at Oi Futuro (Rio de Janeiro, 2014); “POROROCA”, at the Museu de Arte do Rio (2014); “Uma coleção Particular: Arte contemporânea no acervo da Pinacoteca”, at the Pinacoteca do Estado de São Paulo (São Paulo, 2015); and “Télon de Fondo”, at Backroom Caracas (Venezuela, 2015).

## GABRIELA MOTTA

(1975, Pelotas, Brasil)

Curadora, crítica e pesquisadora em artes visuais, doutora em Teoria, Ensino e Aprendizagem da Arte pela USP (2015) e mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005). Atualmente, é bolsista PNPd junto ao PPG do Centro de Artes da UFPEL (2016 – 2020). Entre os projetos de reconhecidas instituições nas quais atuou estão o Prêmio Indústria Nacional Marcantonio Vilaça – CNI-SESI/2019 e 2014; Rumos Itaú Cultural 2017/2018; Prêmio IP Capital Partners de Arte – PIPA 2019, 2017 e 2015; Rumos Itaú Cultural – Artes Visuais, edição 2011/2013 e edição 2008/2010; além de projetos com as instituições MAC – USP, MAC Niterói e Fundação Iberê Camargo. De 2008 a 2010, fez parte do grupo de críticos do Centro Cultural São Paulo. Em 2010, foi contemplada com a Bolsa Funarte de Estímulo à Produção Crítica em Artes Visuais.

Visual arts curator, critic and researcher. She has a doctoral degree in Art Theory, Teaching and Learning from the University of São Paulo (USP, 2015) and a master’s degree in Visual Arts from the Arts Institute of the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS, 2005). She currently holds a postgraduate scholarship from the National Postdoctoral Program (PNPD) at the Arts Center of the Federal University of Pelotas (UFPEL, 2016 – 2020). Among the projects she collaborated on at renowned institutions are the Marcantonio Vilaça National Industry Prize – CNI-SESI/2019 and 2014; Rumos Itaú Cultural 2017/2018; the IP Capital Partners Art Prize – PIPA 2019, 2017 and 2015; Rumos Itaú Cultural – Visual Arts, 2011/2013 and 2008/2010 editions; besides projects at institutions like the Contemporary Art Museum of the University of São Paulo, the Niterói Contemporary Art Museum and the Iberê Camargo Foundation. From 2008 to 2010, Gabriela was part of a group of critics at the Centro Cultural São Paulo. In 2010, she received the Funarte Scholarship to Promote Visual Arts Criticism.



Exposição [Exhibition]

Artista [Artist]

**ROMY POCZTARUK**

Curadoria [Curator]

**GABRIELA MOTTA**

Identidade Visual [Visual Identity]

**ADRIANA TAZIMA**

Assessoria de Imprensa [Press Office]

**JÉSSICA BARCELLOS COMUNICAÇÃO**

Produção Executiva [Production]

**LAURA COGO**

Organização [Organized by]

**INSTITUTO LING**

Catálogo [Catalogue]

Texto [Text]

**GABRIELA MOTTA**

Tradução e Revisão

[Translation and Proofreading]

**ANA BEATRIZ BECKER FIORI**

Projeto Gráfico [Graphic Design]

**ADRIANA TAZIMA**

Impressão [Printing]

**COMUNICAÇÃO IMPRESSA**

Todos os direitos reservados

[All rights reserved]

© Instituto Ling

© Romy Pocztaruk

© Gabriela Motta

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO – CIP  
(Alexandre Bastos Demétrio, CRB10/1519)

P762 Antes do azul – Exposição de Romy Pocztaruk /  
Gabriela Motta. - Porto Alegre : Instituto Ling, 2019.  
30 p. : il. color.  
ISBN 978-85-93686-09-2  
Catálogo em edição bilíngue: português e inglês.  
Tradução e revisão Ana Beatriz Becker Fiori

1. Artes plásticas. 2. Arte contemporânea. 3. Pocztaruk, Romy.  
4. Motta, Gabriela. 5. Fiori, Ana Beatriz Becker. I. Título. II. Instituto Ling

CDU 73 (81)



Patrocínio



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DA CIDADANIA



INSTITUTO  
**LING**

Rua João Caetano, 440  
Bairro Três Figueiras  
Porto Alegre | RS | Brasil  
CEP 90470-260

(+55 51) 3533-5700  
instituto.ling@institutoling.org.br  
www.institutoling.org.br





ISBN 978 85 93686 09 2



9 788593 686092